

## CAPÍTULO 3

# O GRÃO-PARÁ NAS DESCRIÇÕES DE ALFRED RUSSEL WALLACE

---

### **Lucas Cairê Gonçalves**

Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá. Doutorando em História, Cultura e Narrativas – PPH/UEM

### **Gabrielle Legnaghi de Almeida**

Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá. Doutoranda em História, Cultura e Narrativas – PPH/UEM

### **Christian Fausto Moraes dos Santos**

Doutor em História das Ciências. Docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador do Laboratório de História, Ciências e Ambiente (LHC/UEM)

romanos, até períodos mais recentes com Lyell, Wallace, Darwin etc. A região nortista do Brasil, apresentou especial interesse para diversos exploradores que por aquela localidade passaram. O Grão-Pará, em especial, foi escolhido por diferentes figuras naturalistas como local de estada, temporária ou fixa. Uma dessas figuras foi o naturalista inglês Alfred Russel Wallace que, não apenas publicou profusos trabalhos sobre o norte do Brasil, como também descreveu, por meio de sua experiência, a cidade de Belém do Pará, no século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Regional; História da Alimentação; História das Ciências; Alfred Russel Wallace; Século XIX.

**RESUMO:** O translado da corte portuguesa ao Brasil, atrelado a medidas menos protecionistas como a abertura dos portos brasileiros, no ano de 1808, transformaram o Brasil em um ponto de interesse para uma gama de cientistas seduzidos para conhecer a fauna e a flora brasileira. Mediante esse contato, diversas produções científicas com ênfase na natureza foram elaboradas. O desenvolvimento da ciência natural foi assinalado por múltiplos processos ao longo do tempo, remontando tempos antigos, com o conhecimento de egípcios, gregos e

## INTRODUÇÃO

Quando analisamos o contexto dos viajantes naturalistas do século XIX no Brasil, percebemos uma quantidade significativa desses indivíduos que empregaram essas expedições financiados por agências ou outras pessoas, ou por vontade própria. Apesar disso, antes do XIX e até o início dele, esses cientistas

enfrentaram barreiras para adentrarem em territórios brasileiros, principalmente por medidas políticas mais restritivas adotadas pela coroa portuguesa. Isso se deu especialmente pelo receio de que as riquezas do país fossem descobertas, atraindo outras potências mundiais para usurparem esses bens.

Dentre esse universo de viajantes, um que merece destaque no desenvolvimento desse trabalho foi Alfred Russel Wallace. Esse naturalista chegou em solo brasileiro no ano de 1848 e ficou até 1852, percorrendo, ao longo desse período, a região que compreendia o então Grão-Pará (rebatizado como Estado do Pará em 1889) até a porção venezuelana da Amazônia. Ao longo desses quatro anos, Wallace se empenhou em coletar, classificar, anotar e descrever a fauna e a flora, assim como diferentes apontamentos referente às populações indígenas, e relatos sobre a cidade de Belém do Pará. Em sua bibliografia, o autor expôs que a região escolhida para sua expedição foi influenciada pela leitura da obra do explorador William Henry Edwards (1822-1909) “*A voyage up the Amazon*”, publicado no ano de 1847, atrelado ao fato de que essa região era pouco explorada e estudada se comparadas a outras partes do Brasil.

Como enfoque principal desse trabalho, nos centralizamos nas descrições do naturalista sobre a cidade de Belém do Pará, expostas em seu diário de viagem. Nessa perspectiva, foi delimitado um recorte bibliográfico de fontes que se apoiaram em História Natural, História Regional, História da Alimentação e História da Ciência. Como tal, elencamos como fonte primária do trabalho seu relato de viagem ao longo desses quatro anos no Brasil, “*Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*”, primeiramente publicado em 1853.

## **WALLACE E SUA ESTADA EM TERRAS BRASILEIRAS**

Natural da comunidade de Usk, localizada em Monmouthshire, na Inglaterra, Wallace nasceu no dia 08 de janeiro de 1823, sendo o oitavo filho do casal Thomas Vere Wallace e Mary Anne Greenell (Beddal, 1969, p. 11). Wallace não nasceu em uma família rica, por isso, por volta de seus 14 anos de idade, abandonou seus estudos para trabalhar como agrimensor, juntamente a um de seus irmãos (George, 1964, p. 4). A agrimensura foi importante não apenas para o desenvolvimento físico do naturalista, mas também ensinou e instruiu técnicas que usaria futuramente em suas jornadas (Hemming, 2015, p. 19). Em meados de 1840, Wallace, então residente de Leicester, começou a trabalhar como professor na Collegiate School (George, 1969, p. 6). Encontrava-se, nessa cidade, uma livraria na qual Wallace era um frequentador assíduo, e foi nela que seu leque de conhecimento de viajantes que adentraram os trópicos, como Humboldt e Darwin, se expandiu (George, 1969, p. 6). Conectado com tudo isso, foi nessa livraria que, apesar de não se recordar precisamente das circunstâncias, os caminhos de Wallace e do naturalista e entomologista inglês Henry Walter Bates se cruzaram (Wallace, 1905, v. I, p. 237). Bates, que compartilhava da mesma paixão pela natureza que Wallace, foi a pessoa que o acompanhou em sua viagem ao Brasil.

Como mencionado anteriormente, associado aos seus interesses pelos estudos da natureza, a escolha da região amazônica como destino de viagem para Wallace foi fomentada, também, por livros que teve contato, especialmente em Leicester. Dentre esses livros, Wallace mencionou (1905, v. I, p. 232) “*Personal Narratives of Travels in South America*” de Alexander von Humboldt (1769-1859), um dos primeiros livros, nas palavras do autor, que despertou seu desejo de conhecer os trópicos, “*History of the Conquests of Mexico and Peru*”, de William Hicling Prescott (1796-1859), “*History of Charles V*” e “*History of America*” de William Robertson (1721-1793), a obra de Thomas Malthus (1766-1834), “*Principles of Population*”, fundamental para o desenvolvimento intelectual do naturalista.

Wallace e Bates ficaram encantados com as ricas descrições faunísticas e florísticas da região norte do Brasil. Para custearem suas despesas, os dois naturalistas comercializaram os artigos coletados, justamente por haver uma grande demanda do ocidente por peças extraídas diretamente dos trópicos (Reeuwijk, 2014, p. 9). Segundo Rosa Andréa Lopes de Souza (2014, p. 23-24), duas figuras importantes no ramo de comercialização de artigos naturais foram de suma importância para a viagem, os quais não somente encorajaram os dois jovens, mas também participaram na intermediação entre os coletores e os interessados nas coleções: o entomologista do museu britânico Edward Doubleday (1811-1849) e o renomado agente inglês Samuel Stevens (1817-1899). Não obstante, conforme demonstrado por Bates no prefácio de sua obra “*The Naturalist on The River Amazons*”, originalmente publicada em 1863, os interesses de Wallace iam além da coleta. Segundo Bates (1863, p. III) Wallace conjecturou a região norte brasileira como o local perfeito para “resolver o problema da origem da espécie”.



Imagen: Alfred Russel Wallace no ano em que viajou para o Brasil.

Fonte: WALLACE, Alfred Russel. *My life: A record of events and opinions*. Vol I. London: Chapman & Hall, Id. 1905.

A viagem empregada por Wallace foi de suma importância para o naturalista. A partir dela, conjecturou sua teoria sobre a distribuição geográfica, que buscou explicar o surgimento de novas famílias de animais através de barreiras naturais (Fichman, 1981, p. 33). Segundo essa teoria, barreiras como montanhas e rios separavam espécies de animais da mesma família, provocando, assim, o surgimento de novas famílias, como ele desenvolveu em seu trabalho “*On the Monkeys of the Amazon*” no ano de 1852. Embora Wallace tenha empregado um esforço tremendo em catalogar a magnitude de materiais da fauna e flora brasileira, durante sua viagem de volta à Inglaterra o navio em que se encontrava, assim como quase a totalidade de seus escritos e coleções, pegou fogo, conseguindo ele salvar apenas umas poucas unidades de sua coleção (Wallace, 2004, p. 488). Embora essa catástrofe tenha resultado em uma perda significativa de seu trabalho, ao longo de sua estadia no Brasil, Wallace conseguiu despachar fragmentos de suas coleções e anotações para Inglaterra, somado a isso, publicou diversas informações de suma relevância para o meio científico.

Alfred Russel Wallace faleceu de causas naturais, aos noventa anos, no dia 7 de novembro de 1913 em sua residência em Broadstone (Avery, 1923, p. 75). Nos períodos finais de sua vida, bem como anos após sua morte, Wallace foi venerado na Inglaterra como um dos maiores naturalistas do século XIX, recebendo diversos títulos como “o último dos grandes vitorianos”, “o Grande Velho da Ciência” entre outros (Shermer, 2002, p. 13). Na totalidade de sua vida, Wallace escreveu e publicou cerca de 747 artigos que trataram de diferentes temáticas nas ciências naturais como botânica, zoologia, etnografia, biogeografia, geologia, social, espiritual entre outras (Shermer, 2002, p. 15). Ainda com Shermer (2002, p. 15), uma quantidade significativa dos artigos de Wallace foram publicados em revistas de renome, como a *Nature*, *Proceedings of the Entomological Society of London*, *Annals and Magazine of Natural History* e afins.

## OBSERVAÇÕES SOBRE GRÃO-PARÁ OITOCENTISTA

Belém do Pará foi fundada no século XVII e percorreu uma longa e penosa campanha objetivando encontrar maneiras de conter o problema das águas em seu entorno. Por estar localizada próxima à rios, sofria constantemente com o acúmulo de água em áreas que alagavam, somado às chuvas constantes, terrenos pantanosos, que dificultaram o desenvolvimento dessa região (Almeida, 2011, p. 1-2). Para Almeida (2011, p. 2-3), a cidade e sua população só foram bem-sucedidos nessa empreitada por volta do século XIX, favorecendo, posteriormente, Belém a se tornar uma grande região comercializadora de Látex. O setor econômico do Pará se sustentava pela exportação, entre os séculos XVIII-XIX, majoritariamente de produtos de origem vegetal, essencialmente o cacau, às castanhas, e à borracha, graças a diversidade florística do norte brasileiro (Neto; Paula, 2012, p. 47-49).

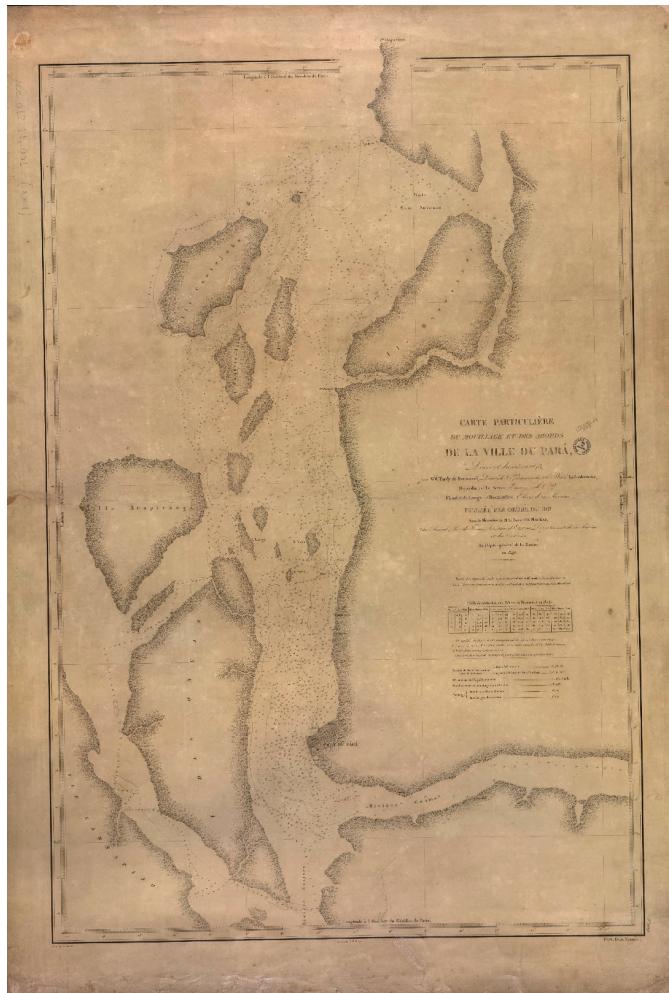


Imagen: Esboço do ancoradouro e das costas do Pará.

Fonte: [https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=83393](https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=83393)

Wallace e Bates zarparam de Liverpool no dia 26 de abril de 1848, ancorando na porção sul do rio Amazonas no dia 26 de maio de 1848. No dia 27 de abril, os dois naturalistas navegaram rio acima até chegarem à cidade de Belém do Pará, na madrugada do dia 28 de maio de 1848 (Wallace, 2004, p. 35-36). Terminados todos os trâmites de liberação pela alfândega brasileira, Wallace aproveitou para andar pela cidade de Belém e escrever, em seu diário, suas observações referentes à arquitetura, população, extensão territorial, alimentação, costumes etc.

No período em que Wallace esteve no Brasil, a cidade de Belém abrangia um número aproximado de 15 mil habitantes e que, apesar de sua extensão territorial não ser muito grande, era a maior cidade do rio Amazonas (Wallace, 2004, p. 36). A temperatura oscilava entre os 24°C a noite e 29°C de dia, com chuvas constantes e brisas no decorrer

do dia que amenizavam a sensação térmica da cidade (Wallace, 2004, p. 50). No tocante a arquitetura local, Wallace reparou que na maioria dos casos, as residências eram pintadas em tons brancos, e em algumas partes contavam com plantas, relvas e arbustos (Wallace, 2004, p. 37). Essas casas eram constituídas de apenas um pavimento, apresentando em seu interior diversos cômodos e uma ampla varanda, juntamente com quartos espaçosos com poucos móveis, porém, eram marcadas por diversas portas e janelas que mantinham o interior da residência bem arejada (Wallace, 2004, p. 41). Com relação as camas, Wallace apontou que elas eram substituídas por redes de algodão, por motivos práticos de maior facilidade de transporte, e que também eram confortáveis para se deitar e descansar (Wallace, 2004, p. 38).

O autor comentou que havia uma rua, conhecida como a “Rua dos Mercadores”, que apresentava grande relevância para a cidade de Belém pois era lá que se concentravam boa parte de todos os comércios da cidade (Wallace, 2004, p. 40). Um aspecto interessante que Wallace percebeu, foi que os comerciantes mantinham o interior das lojas constantemente limpo e ajeitado, conservando as portas da frente das lojas abertas durante o horário de funcionamento e comercializando os mais diversos tipos de mercadorias. De acordo com Wallace (2004, p. 40), a construção e adorno que se mostravam presentes nas igrejas e nos prédios públicos contrastava com os danos causados por fenômenos naturais, além disso, os serviços de manutenção realizada pelos residentes dessa cidade apresentavam efeito contrário, piorando o visual estético desses edifícios. Ele explicou que, em um primeiro contato, a cidade não refletia uma imagem positiva no imaginário de um inglês recém-chegado, principalmente pela baixa manutenção empreendida nas ruas e calçadas, bem como certo desleixo com a arquitetura urbana, todavia, na opinião dele, tais deteriorações eram consequências das condições climáticas (Wallace, 2004, p. 42).

Wallace notou que embora os recursos naturais dessa região fossem abundantes e apresentassem possibilidades promissoras de desenvolvimento, não foi incentivada sua exploração, não dando a devida importância para esse espaço:

“Não há nenhuma outra região, onde se possa obter tamanha variedade de produtos naturais, e, entretanto, estes estão em completo abandono. Nenhuma outra há onde as facilidades para as comunicações internas apresentem tantas possibilidades, e onde, todavia, seja mais difícil e mais penoso do que aqui, para a gente se deslocar de um ponto a outro. Nenhuma outra há que ofereça tantos requisitos naturais para um imenso intercâmbio com todo o mundo, e onde a circulação das suas riquezas seja tão limitada e tão insignificante.” (Wallace, 2004, p. 467)

Wallace apontou que o principal fator para essa falta de incentivo eram os próprios habitantes, por suas práticas aversas ao desenvolvimento da agricultura, dando maior ênfase em atividades comerciais. Essas práticas comerciais ocasionavam um estilo de vida nômada nos habitantes, que ao transportarem pelos rios suas mercadorias em canoas e fazerem negócios com indígenas e brancos em diferentes localidades, a agricultura ficou em segundo plano, voltada a uma prática de subsistência, fortemente estruturada por meio da coleta de produtos naturais, resultando em artigos de baixo valor comercial (Wallace, 2004, p. 468-469).

Wallace listou os principais artigos comercializados nessa região: o peixe seco; óleo extraído do peixe-boi ou dos ovos de tartarugas; salsaparrilha; piaçaba; goma-laca; castanhas; óleo de copaíba e cacau (Wallace, 2004, p. 469). Apesar de possuir terreno fértil para a produção de uma ampla variedade de produtos, o açúcar e o café eram importados, encarecendo o valor de compra (Wallace, 2004, p. 469). O naturalista explicou que a dinâmica comercial na região do Grão-Pará seguia um sistema de crédito, do qual lojistas da cidade negociavam seus produtos a crédito para outros comerciantes, esses, por sua vez, navegavam pelos rios vendendo a mercadoria também a crédito, promovendo um sistema com poucas garantias e seguranças (Wallace, 2004, p. 469-470). Como se não bastasse esses fatores, casos de roubos e depredações de mercadorias eram comuns, atrelados a essa insegurança apregoada ao sistema de crédito, superfaturavam os valores dos produtos como uma alternativa para cobrir as perdas e possivelmente apresentar algum lucro. Wallace citou, por exemplo, “2 shillings por uma jarda de ordinário tecido de algodão, que mal vale 2 pence<sup>1</sup>” (Wallace, 2004, p. 470). A dinâmica comercial estabelecida nessa região era traíçoeira, apesar de ser uma atividade atrativa, os custos com manutenção, transporte, alimentação e funcionários acabavam sendo superiores aos possíveis lucros, acarretando dívidas que se multiplicavam pela aplicação dos juros. Para o autor, esse processo deteriorava o indivíduo, levando-o, invariavelmente, a três vícios: a bebida, o jogo e a mentira (Wallace, 2004, p. 471).

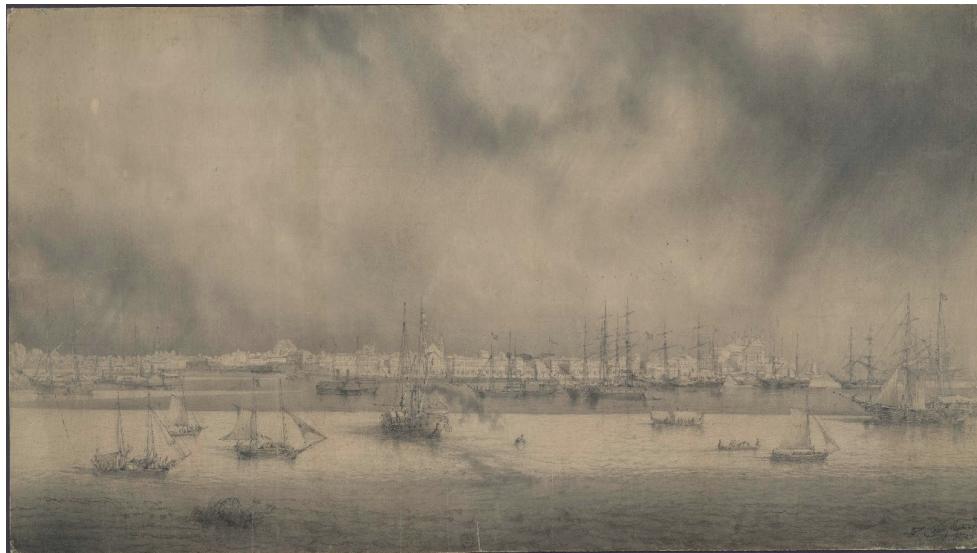


Imagen: Vista de Belém do Pará, 1872, mais de 20 anos após a visita de Wallace.

Fonte: [https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=104593](https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=104593)

1. O “Shilling” ou “Xelim” parou de ser produzido no Reino Unido aproximadamente em 1971, porém, segundo o dicionário de Cambridge, 1 shilling equivalia a 12 pences.

Wallace percebeu que entre os habitantes de Belém do Pará havia uma forte miscigenação em sua composição, contando com uma pluralidade étnica entre europeus, norte-americanos e africanos nessa região, como o inglês, o americano, o português, os brasileiros, negros e indígenas (Wallace, 2004, p. 42). Com relação ao vestuário, o naturalista destacou o contraste existente entre o clima e as roupas. Apesar de ser uma cidade notadamente quente de clima tropical, os moradores brancos trajavam vestimentas de linho, que as conservavam com muito esmero e que, mesmo com temperaturas altas, notava-se que uma parcela desses homens portava casacas pretas e gravatas. Com relação aos homens negros ou indígenas, portavam meramente um par de calças nas cores branca ou listrada, e, quando usavam camisas, eram feitas com o mesmo tecido das calças. Em dias e ocasiões especiais, as moças e mulheres vestiam vestidos de cor branca que se destacavam pela disparidade do tom de pele mais escuro, ostentavam, também, joias e colares de puro ouro maciço. Ele também ressaltou que apesar de a nudez ser a condição geral da maioria da população não branca, as crianças apresentavam todo tipo de vestimenta (Wallace, 2004, p. 42-43).

Wallace reparou que a principal fonte de proteína dessa cidade era a carne de vaca, criadas na ilha de Marajó e transportada por meio de canoas (Wallace, 2004, p. 50). Nas palavras do próprio autor, a carne desse gado não possuía um sabor agradável, atribuindo tal causa a alguns fatores característicos como a falta de pastagens para a engorda do gado, devido ao fato do desinteresse humano em desenvolver uma agricultura e pecuária, somado ao fato de ao longo desse trajeto, as reses muitas vezes recusavam se alimentar, perdendo uma quantidade significativa de seu tecido adiposo. Além disso, não se fazia questão de manter a higiene tanto no abate quanto no transporte da carne desses animais (Wallace, 2004, p. 50). Segundo Silva (2011, p. 377), outros naturalistas compartilham da mesma opinião de Wallace, como Spix e Martius, que chegaram em Belém no ano de 1819, sobre esse problema com a carne que era ingerida na cidade, atribuindo, majoritariamente, como causa dessa má qualidade, o transporte desses animais.

Com relação ao peixe fresco e a carne suína, eram artigos de um patamar mais elevado, especialmente por sua raridade, o que encarecia os produtos, sendo a carne de porco destinada somente aos sábados (Wallace, 2004, p. 51). A farinha de trigo utilizada na produção de pães era um produto importado dos Estados Unidos, assim como a manteiga irlandesa ou americana que era consumida população branca da cidade (Silva, 2010, p. 494). O açaizeiro (*Euterpe oleracea*) era uma palmeira notadamente incluída no cardápio da população geral paraense, dele se extraia o palmito-açaí e de seus frutos se produziam bebidas (Wallace, 2004, p. 118; 367; 584). Wallace denominou essa bebida como “vinho tirado do coco de uma palmeira” (Wallace, 2004, p. 51). No dia a dia, Wallace contava com: “A nossa alimentação habitual compreendia: café, chá, pão, manteiga, carne de vaca, arroz, farinha, abóboras, bananas e laranjas” (Wallace, 2004, p. 51). O naturalista relatou que poucas vezes se encontravam maiores variedades de verduras, legumes e frutas que não fossem

bananas e laranjas que, como ele ressaltou, “uma vez plantadas, o trabalho é só de colhê-las quando maduras, e vendê-las” (Wallace, 2004, p. 469). Em seu artigo, Silva ressaltou que uma diferença social entre os habitantes poderia ser observada a partir do cardápio de populações indígenas e negras que, como ele apontou, era constituída principalmente pela farinha, preparada da raiz da mandioca, no arroz, no peixe salgado, em frutas, e em um caldo obtido ao misturar essa farinha de mandioca com água, contrastando, nitidamente, com os produtos importados pela parcela branca da sociedade (Silva, 2011, p. 382).

## CONCLUSÃO

Os relatos de viagens são fontes muito interessantes para o campo historiográfico, principalmente pela maneira como são construídos, exprimindo abundantes detalhes sobre experiências pessoais, por meio de composições que provocam no leitor uma sensação de ele próprio ter vivido tal momento. Ao escolhermos o relato de viagem de Wallace, pudemos perceber justamente isso: uma certa preocupação do autor em tentar trazer os leitores de sua obra para o contexto em que ele estava inserido. Nesse sentido, é possível observar que, ao longo de sua obra, o naturalista comentou sobre múltiplos aspectos do cotidiano paraense do século XIX, se atentando para a vestimenta dos habitantes, a demografia dessa região, a arquitetura com suas particularidades e sua relação com a natureza, quais eram os principais produtos comerciais e com quem essas relações foram estabelecidas, e diversas outras temáticas pertinentes. Para mais, ao abordar uma metodologia que permite uma maior diversificação do plano de estudo, optando por realizar uma historiografia centrada na história regional e na história da alimentação, foi possível compreender o alimento para além de uma fonte com valor nutricional, mas um divisor entre classes sociais, onde as mais abastadas consumiam outras fontes de alimentos, nacionais ou importadas.

Alfred Russel Wallace representa uma figura ímpar nos campo das ciências naturais, com análises e construções teóricas que impactaram diretamente no desenvolvimento de diversas teorias e concepções em diferentes áreas que promoveram maior entendimento dos seres humanos e de suas relações com a natureza. Mesmo oriundo de uma família humilde, sempre se interessou e aperfeiçoou sua carreira profissional como um estudioso da natureza, vencendo adversidades que atrasaram sim parte da sua vida, mas nunca o desmotivaram ou o impediram de prosseguir.

## FONTES DOCUMENTAIS

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. notas de Basílio de Magalhães.* – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon Valley.* Reeve and CO. London: 1853.

\_\_\_\_\_. *My life: A record of events and opinions.* Vol I. London: Chapman & Hall, Id. 1905.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Conceição Maria Rocha De. Belém do Pará, uma cidade entre as águas: História, Natureza e Definição Territorial em princípios do século XIX. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.
- AVERY, Margaret. Six Great Scientists. London: Methuen & CO., 1923.
- BATES, Henry Walter. The naturalist on the River Amazon, a record of adventures, habits of animals, sketches of brazilian and indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel. London: John Murray, Albermale Street, 1863.
- BEDDAL, Barbara G. Wallace and Bates in the Tropics: Na introduction to theory of natural selection. Canada: The Macmillian Company, 1969.
- FICHMAN, Martin. Alfred Russel Wallace. University of Michigan: Twayne Publishers, 1981.
- GEORGE, Wilma. Biologist Philosopher: A study of the life and writings of Alfred Russel Wallace. New York: Abelard-Schuman, 1964.
- HEMMING, John. Naturalists in Paradise: Wallace, Bates and Spruce in the Amazon. United States of America: Thames & Hudson Inc, 2015.
- MACIEIRA NETO, I. G., & DE PAULA, R. Z. A. O comércio marítimo do Pará no século XIX. *Cadernos de pesquisa*: São Luís, v. 19, n. especial, jul. 2012, p. 43-54.
- PAPAVERO, Nelson; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. Nos bastidores da teoria da evolução: Wallace e Darwin. In: História das Ideias: Viajantes, naturalistas e ciências na modernidade/ Christian Fausto Moraes dos Santos, organizador. —Maringá: Eduem, 2010, p. 109-131.
- PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.
- REEUWIJK, Alexander. For once in the spotlight: Alfred Russel Wallace. In: TELNOV, D. (ed.) 2014. *Biodiversity, biogeography and nature conservation in Wallacea and New Guinea*. Volume II. Riga, the Entomological Society of Latvia: p. 9-27.
- SILVA, F. H. T. da. (2011). “Aos nossos olhos europeus”: Alimentação dos Paraenses nas crônicas de viajantes do século XIX. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 42, p. 373-390.
- \_\_\_\_\_ (2011). Uma delicia diaria! Transformação nos hábitos alimentares e distinções a partir da manteiga importada em Santa Maria de Belém do Grão-Pará do século XIX. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados De História*, 40, p. 489-503.
- SOUZA, Rosa Andréa Lopes de. A viagem de Alfred Russel Wallace ao Brasil: uma aplicação de história da ciência no ensino de biologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

## ACERVO DIGITAL

<https://acervobndigital.bn.gov.br/>